



Trabalho nos frigoríficos do Brasil: a constituição do precariado migrante e o papel do recrutamento humanitário

*Work at slaughterhouses in Brazil:
the constitution of the migrant precariat
and the role of humanitarian
recruitment*

*Trabajo en mataderos en Brasil:
la constitución del precariado migrante
y el papel del reclutamiento humanitario*

Natália Demétrio

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9043947211775373>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0954-6993>

Rosana Baeninger

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0425133153453333>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3817-2807>

RESUMO

O artigo analisa a constituição do nicho de trabalho formado por migrantes internacionais nos frigoríficos do Brasil. Sob o olhar teórico do precariado migrante, das solidariedades étnicas, das redes migratórias e das migrações dirigidas, discute-se a centralidade do recrutamento humanitário nesse processo. Do ponto de vista metodológico, o texto fundamenta-se na *Pesquisa Imigração no Brasil: Inserção Laboral e Condições de Vida* para melhor elucidar as dinâmicas que vinculam migrantes internacionais à agroindústria da carne. Dividido em três partes principais, o artigo revisita diferentes estratégias de mobilização do trabalho migrante no país, atentando-se para as especificidades do momento atual e do setor de interesse, em que nem o Brasil trata-se do país desejado, nem as solidariedades étnicas dão conta de explicar a inserção laboral especializada.

PALAVRAS-CHAVE: frigoríficos; inserção laboral; migrações Sul-Sul.

ABSTRACT

The article analyses the constitution of the job niche formed by international migrants in slaughterhouses in Brazil. Under the theoretical perspective of the migrant precariat, ethnic solidarities, migratory networks and directed migrations, the centrality of humanitarian recruitment in this process is discussed. From a methodological point of view, the text is based on the *Research Immigration in Brazil: Labor Insertion and Living Conditions* to better elucidate the dynamics that link international migrants to the meat agroindustry. Divided into three main parts, the article revisits different strategies for mobilizing migrant labour in the country, paying attention to the specificities of Brazil and this sector, where neither the destination is the desired country, nor ethnic solidarities are able to explain specialized labour insertion.

KEYWORDS: labour insertion; slaughterhouses; south-south migrations.

RESUMEN

El artículo analiza la constitución del nicho de trabajo formado por migrantes internacionales en mataderos de Brasil. Bajo la perspectiva teórica del precariado migrante, las solidaridades étnicas, las redes migratorias y las migraciones dirigidas, se discute la centralidad del reclutamiento humanitario en este proceso. Desde un punto de vista metodológico, el texto se basa en la Investigación Inmigración en Brasil: Inserción Laboral y Condiciones de Vida para dilucidar mejor las dinámicas que vinculan a los migrantes internacionales con la agroindustria cárnica. Dividido en tres partes principales, el artículo revisa diferentes estrategias para movilizar mano de obra migrante en el país, prestando atención a las especificidades de Brasil y de este sector, donde, ni el destino es el país deseado, ni las solidaridades étnicas pueden explicar la inserción laboral especializada.

PALABRAS CLAVE: inserción laboral; mataderos; migraciones sur-sur.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo analisar a constituição de um nicho de trabalho migrante nos frigoríficos do Brasil. Ao apresentar o recrutamento humanitário como dimensão central nesse processo, o trabalho revisita as perspectivas teóricas sobre inserção laboral nas migrações Sul-Norte, destaca as particularidades dos fluxos Sul-Sul e as raízes históricas associadas a esse fenômeno no país. Nessa direção, o texto recupera diferentes estratégias de mobilização do trabalho migrante no país - da formação do Estado-Nação à globalização - de modo a reconstituir as distintas representações do imigrante ideal¹ ao longo dos séculos XIX, XX e XXI, cada uma das quais associadas a um regime de acumulação² específico.

Em primeiro lugar, discute-se o modelo agroexportador, a construção da identidade nacional e as cargas ideológicas presentes na transição para o trabalho

¹ SEYFERTH, G. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n. 53, p. 117-149, mar./maio 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33192>. Acesso em: 09 nov. 2023.

² HARVEY, D. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.



livre³. Em segundo lugar, no período nacional-desenvolvimentista, já sob protagonismo das migrações internas, as migrações internacionais assumem uma dimensão dirigida, orientada por organismos internacionais, em convênio com autoridades brasileiras, direcionada para a industrialização paulista⁴. À luz da construção social do imigrante internacional europeu e trabalhador, desde o final do século XIX, ao entrar no século XXI, o artigo indica as transformações associadas ao regime de acumulação flexível⁵, com a presença do precariado migrante⁶ e do recrutamento humanitário.

Desse modo, o artigo revela a “maneira pela qual o Estado brasileiro engendrou e geriu” diferentes fluxos migratórios, atribuindo imagens estigmatizadas sobre o papel do imigrante na constituição da força de trabalho e da nacionalidade⁷. Essa revisão bibliográfica possibilita avaliar as dinâmicas específicas do recrutamento humanitário frente aos processos históricos que tradicionalmente viabilizaram o encontro entre empregadores e migrantes internacionais no Brasil, fato que coloca questões específicas à compreensão do precariado migrante nos frigoríficos desse país.

Essa discussão tem o respaldo das evidências empíricas obtidas pela Pesquisa Imigração no Brasil: Inserção Laboral e Condições de Vida. Seus resultados reforçam as possibilidades abertas pela perspectiva teórica e metodológica do sujeito-ator nas investigações sobre migração internacional e as instâncias específicas de formação do precariado migrante⁸ no Brasil e nesse setor.

³ SEYFERTH, G. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n. 53, p. 117-149, mar./maio 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33192>. Acesso em: 09 nov. 2023.

⁴ SALLES, M. R. R.; PAIVA, O. C.; BASTOS, S. R. Profissão e destino dos imigrantes italianos entrados em São Paulo no Pós-Segunda Guerra Mundial. In: BAENNGER, R.; DEDECCA, C. S. (org.). *Processos migratórios no Estado de São Paulo: estudos temáticos*. Campinas: Núcleo de Estudos de População, 2013. p.129-142.

⁵ HARVEY, D. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

⁶ STANDING, G. *O precariado: a nova classe perigosa*. São Paulo: Autêntica, 2013.

⁷ VAINER, C. B. Estado e migração no Brasil: da imigração à emigração. In: PATARRA, N. L. (coord.). *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. São Paulo: FNUAP, 1996. p. 41.

⁸ STANDING, G. *O precariado: a nova classe perigosa*. São Paulo: Autêntica, 2013.



1. As 'imagens do imigrante ideal' e a mobilização para o trabalho no regime de acumulação agroexportador

Ao longo do século XIX, o apelo à migração internacional respondeu a um projeto de branqueamento da população e contou com forte subsídio e controle governamental. Entendida como parte das “reformas necessárias para transformar o Brasil num país” distante “do escravismo”⁹, a chegada de trabalhadores brancos e obedientes à lei foi concebida como solução para o “problema da mão de obra” então vigente¹⁰. Por um lado, a consolidação das fronteiras nacionais demandava a ocupação de territórios estratégicos. Por outro, “as sucessivas medidas visando à abolição da escravatura” levantava a preocupação sobre o “quantitativo” da força de trabalho necessária para a grande lavoura de exportação¹¹.

Em ambas as situações, a escolha pela migração internacional refletiu as cargas ideológicas associadas à mão de obra nacional, formada por negros e mestiços, socialmente representados como indisciplinados, ociosos, violentos e não afeitos ao trabalho livre¹². Para Bassanezi¹³, a política migratória brasileira, ao longo dos séculos XIX e XX, expressou a “necessidade de preservar e desenvolver, na composição étnica da população, as características mais desejáveis de sua ascendência europeia”. Na interpretação de Seyferth¹⁴, o “imaginário nacionalista obsessivamente apegado a um sentido étnico de formação nacional” não apenas criou

⁹ SEYFERTH, G. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n. 53, p. 120, mar./maio 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33192>. Acesso em: 09 nov. 2023.

¹⁰ BASSANEZI, M. S. Imigrações internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: PATARRA, N. L. (coord.). *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. São Paulo: FNUAP, 1996. p. 11.

¹¹ BASSANEZI, M. S. Imigrações internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: PATARRA, N. L. (coord.). *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. São Paulo: FNUAP, 1996. p. 4.

¹² BALÁN, J. Migrações e desenvolvimento capitalista no Brasil: ensaio de interpretação histórico-comparativa. *Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 5, p. 5-79, jul./set.1973.

¹³ BASSANEZI, M. S. Imigrações internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: PATARRA, N. L. (coord.). *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. São Paulo: FNUAP, 1996. p. 4-5.

¹⁴ SEYFERTH, G. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n. 53, p. 120, mar./maio 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33192>. Acesso em: 09 nov. 2023.



uma hierarquia de nacionalidades na formação do trabalhador nacional, “privilegiando imigrantes de comprovada latinidade”, “como reafirmou os preconceitos racialistas de desqualificação dos ‘nativos da Ásia e [principalmente] da África’”.

Sob o crivo dessas seletividades étnicas, 4 milhões de imigrantes chegaram ao Brasil entre 1872 e 1929, a maior parte deles vindos de Portugal, Itália, Espanha e Alemanha¹⁵. As estimativas do Censo Demográfico de 1900 apontaram cerca de um milhão de imigrantes internacionais residentes no país, cuja população total foi estimada em pouco mais de 17 milhões de habitantes¹⁶. Desse total, metade residia no Estado de São Paulo, outros 250 mil no Rio de Janeiro e 135 mil no Rio Grande do Sul. Juntos, Sudeste e Sul concentravam quase 97% de todos os imigrantes recenseados¹⁷.

O Estado foi o principal financiador desse processo. As pesquisas feitas por Hall¹⁸ apontam que, em 1884, ano de alta do preço do café, 11% do orçamento da Província de São Paulo foi usado para os custos da importação de europeus. Nessa mesma década, contratou-se um grande empréstimo com a Inglaterra (estimado em 7 mil contos: o dobro da receita anual de São Paulo) para cobrir os gastos com a imigração. Esse recurso “absorveu aproximadamente três quartos do orçamento da província durante os dois últimos anos do Império”, e pagou a chegada de 220 mil imigrantes¹⁹.

¹⁵ BASSANEZI, M. S. Imigrações internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: PATARRA, N. L. (coord.). *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. São Paulo: FNUAP, 1996. p. 1-38.

¹⁶ BASSANEZI, M. S. Imigrações internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: PATARRA, N. L. (coord.). *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. São Paulo: FNUAP, 1996. p. 1-38.

¹⁷ BASSANEZI, M. S. Imigrações internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: PATARRA, N. L. (coord.). *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. São Paulo: FNUAP, 1996. p. 1-38.

¹⁸ HALL, M. M. Os fazendeiros paulistas e a imigração. In: SILVA, Fernando Teixeira da. *et al.* (org.). *República, Liberalismo, Cidadania*. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2003. p. 154-163.

¹⁹ HALL, M. M. Os fazendeiros paulistas e a imigração. In: SILVA, Fernando Teixeira da. *et al.* (org.). *República, Liberalismo, Cidadania*. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2003. p. 156.



A mobilização de toda essa população combina as mudanças estruturais do capitalismo europeu entre meados do século XIX e começo do XX com pesada propaganda sobre o Brasil. Nas palavras de Vainer²⁰:

Enquanto, no exterior, numa Europa às voltas com a crise agrária, nossos consulados distribuíam prospectos anunciando a abundância de terra e as amenidades climáticas do país, montava-se no Brasil uma estrutura logística para conduzir os imigrantes ao devido lugar: as fazendas.

Tão logo desembarcavam em Santos, eram “fechados e trancados nos vagões da companhia de estrada de ferro”, que os conduzia diretamente ao “pátio da Hospedaria dos Imigrantes”, em São Paulo. Impedidos de circular na cidade, os imigrantes apenas deixavam o prédio da instituição quando determinada “a fazenda para a qual fora destinado”²¹. Devidamente contratados, eram novamente embarcados e transportados para a estação mais próxima da fazenda contratante, onde o patrão já aguardava o recebimento de “seu novo trabalhador”²².

Priorizou-se a vinda de famílias, para diminuir a incidência da reemigração; de trabalhadores agrícolas, “de modo a evitar a introdução de elementos cosmopolitas e perigosos”; e população de baixa renda: pobres que não pudessem comprar suas próprias terras, nem abrir pequenos negócios, sendo obrigados a trabalhar nas fazendas de café²³. Diferente do afirmado pela bibliografia conservadora, para a qual a abolição no Brasil viabilizou a imigração de massa, “a relação seria melhor compreendida ao contrário: a imigração em grande escala tornou possível a abolição”²⁴. Segundo Singer²⁵, o fim da escravidão “poderia ter ferido as oligarquias agroexportadoras de morte, como seus porta-vozes não se cansavam de antecipar.

²⁰ VAINER, C. B. Estado e migração no Brasil: da imigração à emigração. In: PATARRA, N. L. (coord.). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1996. p. 41.

²¹ VAINER, C. B. Estado e migração no Brasil: da imigração à emigração. In: PATARRA, N. L. (coord.). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1996. p. 41.

²² VAINER, C. B. Estado e migração no Brasil: da imigração à emigração. In: PATARRA, N. L. (coord.). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1996. p. 41.

²³ HALL, M. M. Os fazendeiros paulistas e a imigração. In: SILVA, Fernando Teixeira da. *et al.* (org.). **República, Liberalismo, Cidadania**. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2003. p. 121.

²⁴ HALL, M. M. Os fazendeiros paulistas e a imigração. In: SILVA, Fernando Teixeira da. *et al.* (org.). **República, Liberalismo, Cidadania**. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2003. p. 121.

²⁵ SINGER, P. Evolução da economia e vinculação internacional. In: SACHS, I.; WILHEIM, J.; PINHEIRO, P. S. **Brasil: um século de transformações**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 81.



Mas aconteceu justamente o contrário”. A imigração europeia proporcionou “ampla oferta de força de trabalho, capaz de suprir com largueza a lacuna aberta com a saída em massa dos escravos das fazendas”²⁶.

2. “Imigrante ideal’ para a industrialização paulista

O começo do século XX marcou uma drástica alteração na política migratória brasileira. Segundo Paiva²⁷, a “construção de uma representação sobre a falta crônica de mão de obra” para a indústria emergente culminou no esforço do governo paulista em reestruturar a política de subsídio à migração, orientada, a partir de 1930, “para a vinda de trabalhadores nacionais”. De bons funcionários do período anterior, os operários de origem estrangeira passaram a ser vistos como anarquistas rebeldes e sindicalizados, enquanto os migrantes nordestinos traziam os estereótipos da obediência, subordinação e pobreza. É nesse sentido que o autor nos alerta para a “necessidade de decodificar a política migratória na perspectiva de sua relação com a mudança do perfil da mão de obra urbana”²⁸.

O fim do subsídio público à migração internacional, a partir de 1927, reduziu drasticamente esse fenômeno²⁹. Ainda assim, no pós-Segunda Guerra, acordos bilaterais firmados entre o governo brasileiro e agências internacionais trouxeram ao país várias famílias vítimas dos conflitos armados e perseguições em seus países de origem³⁰. Surge, então, “a chamada imigração ‘dirigida’, isto é, orientada por

²⁶ SINGER, P. Evolução da economia e vinculação internacional. In: SACHS, I.; WILHEIM, J.; PINHEIRO, P. S. **Brasil: um século de transformações**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 81.

²⁷ PAIVA, O. da C. **Caminhos cruzados: migração e construção do Brasil Moderno (1930-1950)**. Bauru: EDUSC, 2004. p. 31.

²⁸ PAIVA, O. da C. **Caminhos cruzados: migração e construção do Brasil Moderno (1930-1950)**. Bauru: EDUSC, 2004. p. 77.

²⁹ BASSANEZI, M. S. Imigrações internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: PATARRA, N. L. (coord.). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1996. p. 1-38.

³⁰ PAIVA, O. da C. **Caminhos cruzados: migração e construção do Brasil Moderno (1930-1950)**. Bauru: EDUSC, 2004.



organismos internacionais [...], em convênio com autoridades brasileiras”, alocada em áreas específicas do mercado de trabalho³¹.

Para Salles, Paiva e Bastos³², a nova dinâmica econômica do país alterou a política migratória nacional, cada vez mais orientada pela demanda por mão de obra técnica e qualificada “para indústria e agricultura que se mecanizavam, especialmente no Estado e na Cidade de São Paulo”. Os trabalhos de Bassanezi³³ apontam a chegada ao Brasil de 112 mil europeus através do CIME (Comissão Intergovernamental para Migrações Europeias), ao longo dos anos 1950. Para Moreira³⁴, a visão do governo brasileiro era de que os refugiados europeus pertenciam “a raças de elevado nível material e cultural”, fazendo com que interesses internos e internacionais convergissem para a chegada dessa população.

A partir dos anos 1960, a pequena relevância numérica da migração internacional corroborou a compreensão do país como país fechado a esse fenômeno, com a dinâmica de seu crescimento populacional sendo resultado apenas da fecundidade e da mortalidade³⁵. Nas palavras de Bassanezi³⁶: “O mundo mudou e o Brasil perdeu a antiga atração”.

³¹ BASSANEZI, M. S. Imigrações internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: PATARRA, N. L. (coord.). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1996. p. 7.

³² SALLES, M. R. R.; PAIVA, O. C.; BASTOS, S. R. Profissão e destino dos imigrantes italianos entrados em São Paulo no Pós-Segunda Guerra Mundial. In: BAENINGER, R.; DEDECCA, C. S. (org.). **Processos migratórios no Estado de São Paulo: estudos temáticos**. Campinas: Núcleo de Estudos de População, 2013. p. 130.

³³ BASSANEZI, M. S. Imigrações internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: PATARRA, N. L. (coord.). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1996. p. 1-38.

³⁴ MOREIRA, J. B. **Política em relação aos refugiados no Brasil (1947-2010)**. 2012. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. p. 75.

³⁵ BRITO, F. Os povos em movimento: as migrações internacionais no desenvolvimento do capitalismo. In: PATARRA, N. L. (coord.). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1996. p. 53-66.

³⁶ BASSANEZI, M. S. Imigrações internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: PATARRA, N. L. (coord.). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1996. p. 7.



3. Século XXI: o “imigrante ideal” na acumulação flexível

Se a segunda metade do século XX trouxe um cenário com pouca presença da imigração internacional no Brasil, o século XXI reinsere o Brasil na rota das migrações internacionais em função da radical transformação “na maneira de operação do capitalismo” global. Para Harvey³⁷, a emergência do regime de acumulação flexível surge como resposta a uma crise global de acumulação capitalista, cuja solução envolveu pesados investimentos em automação da produção, formação dos grandes conglomerados transnacionais, diminuição e flexibilização dos contratos de trabalho. Na interpretação de Sassen³⁸, a globalização implica numa alteração inédita na lógica espacial das atividades produtivas, cada vez mais concentrada no Sul Global, em zonas de trabalho barato e com incentivos fiscais.

Nesse sentido, os espaços selecionados pelo capital financeiro atravessam hierarquias tradicionais, colocando enormes desafios aos estudos migratórios, cujo foco desloca-se dos tradicionais fatores de atração/expulsão e ilumina as inúmeras conexões estabelecidas entre o local e a produção globalizada³⁹. Essas ligações espelham “cartografias minuciosas dos espaços controlados” por esses conglomerados econômicos; expressam “a busca de força de trabalho barata [e qualificada] em todos os cantos do mundo”; e promovem “as migrações em todas as direções”⁴⁰. A maior precisão e eficiência em encontrar lugares e pessoas adequadas aos interesses desses atores hegemônicos cria um “exército industrial de trabalhadores, ativo e de reserva”, em escala global, “formando contingentes de desempregados mais ou menos permanentes” em quase todos os países do mundo⁴¹.

Standing⁴² associa a globalização à transformação da “estrutura de classe que sustentava a sociedade industrial”, pondo em movimento uma “classe-em-formação”, gestada pelos ideários neoliberais de competitividade e flexibilidade. A

³⁷ HARVEY, D. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 1992. p. 107.

³⁸ SASSEN, S. *As cidades na economia mundial*. São Paulo: Studio Nobel, 2000.

³⁹ SASSEN, S. *Sociologia da Globalização*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

⁴⁰ IANNI, O. *A era do globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 17.

⁴¹ IANNI, O. *A era do globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 21.

⁴² STANDING, G. *O precariado: a nova classe perigosa*. São Paulo: Autêntica, 2013. p. 22-23.



crise do Estado desenvolvimentista tanto transfere os “riscos e insegurança para os trabalhadores e suas famílias”, como evidencia o esgotamento da “relação de emprego padrão”, protagonizada por “trabalhadores de longo prazo, em empregos estáveis de horas fixas, com rotas de promoção estabelecidas, sujeitos a acordos de sindicalização coletivos”⁴³.

Surge, assim, um novo grupo social, descrito a partir da combinação entre o adjetivo precário e o substantivo proletário⁴⁴. Contrapondo-se aos princípios norteadores do pacto fordista⁴⁵, o precariado mantém “relações de confiança mínima com o capital e o Estado”, fato que o torna completamente diferente do assalariado clássico⁴⁶. Seus integrantes alimentam “imagens de pagamento por esforço”, esvaziando os compromissos assumidos através dos contratos sociais tradicionalmente firmados pelo proletariado, nos quais as “garantias de trabalho são fornecidas em troca de subordinação e eventual lealdade”⁴⁷.

Ainda que parte importante do precariado se constitua de trabalhadores pobres ou com empregos incertos, Standing⁴⁸ define esse grupo mais em função da “falta de uma identidade segura baseada no trabalho”⁴⁹. Nas palavras do autor: “O precariado não se sente parte de uma comunidade trabalhista solidária [...], carece de identidade ocupacional”, compartilha “um sentimento de que seu trabalho é útil (para viver), oportunista (pegar o que vier) e precário (inseguro)”⁵⁰.

Como protótipo do precariado global, tem-se os migrantes internacionais, grupo no qual a velocidade com que direitos básicos são desconstruídos é das mais aceleradas entre as variedades do precariado. Tomando como base a experiência do Norte Global, o autor identifica três expedientes principais utilizados no processo de precarização dessa população: regulação nas autorizações de residência, nos tipos

⁴³ STANDING, G. **O precariado: a nova classe perigosa**. São Paulo: Autêntica, 2013. p. 22-23.

⁴⁴ STANDING, G. **O precariado: a nova classe perigosa**. São Paulo: Autêntica, 2013.

⁴⁵ HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

⁴⁶ STANDING, G. **O precariado: a nova classe perigosa**. São Paulo: Autêntica, 2013. p. 25.

⁴⁷ STANDING, G. **O precariado: a nova classe perigosa**. São Paulo: Autêntica, 2013. p. 25.

⁴⁸ STANDING, G. **O precariado: a nova classe perigosa**. São Paulo: Autêntica, 2013. p. 27.

⁴⁹ STANDING, G. **O precariado: a nova classe perigosa**. São Paulo: Autêntica, 2013. p. 27.

⁵⁰ STANDING, G. **O precariado: a nova classe perigosa**. São Paulo: Autêntica, 2013. p. 31-33.



de vistos e nos licenciamentos profissionais. Por meio dessas instâncias, Standing⁵¹ estabelece um gradiente em termos de acesso a direitos. Na base desse espectro estão os “os solicitantes de asilo, que praticamente não têm direito algum”. Em seguida, tem-se os indocumentados, que vivem sob a “ameaça de deportação e sem direito à proteção social”. Logo depois, os migrantes “com direito de residência temporária, mas com restrições do que podem fazer legalmente de acordo com a situação de seu visto”. Finalmente, estão aqueles com “direito à residência de longo prazo e são formalmente autorizados a procurar empregos de sua preferência”. É sobretudo nesse grupo que os empecilhos impostos à validação de diplomas funcionam como recurso para empurrar “milhões de migrantes qualificados [...] a disputar empregos ‘com desperdício de cérebros’ nos níveis mais baixos do precariado”⁵².

Ainda que essa estrutura desigual de direitos compartilhe alguns elementos comuns, tal hierarquia não se encaixa na dinâmica das migrações internacionais no Sul Global. Em particular no Brasil, as garantias previstas pela Nova Lei de Migração, de 2017, e pelo Estatuto do Refugiado, desde 1997, impõe o desafio de examinar as instâncias particulares de produção do precariado migrante nesse contexto e em diferentes setores da economia. Com o objetivo de avançar em referências teóricas para análise do nicho de trabalho imigrante na agroindústria da carne brasileira, o item a seguir reforça as migrações transnacionais de refúgio Sul-Sul⁵³ e o recrutamento humanitário como dimensões fundamentais desse fenômeno.

3.1. Precariado migrante nos frigoríficos do Brasil

Considerada a principal forma de inserção laboral para migrantes internacionais no Brasil⁵⁴, os vínculos empregatícios de não-nacionais nos frigoríficos

⁵¹ STANDING, G. *O precariado: a nova classe perigosa*. São Paulo: Autêntica, 2013. p. 147-148.

⁵² STANDING, G. *O precariado: a nova classe perigosa*. São Paulo: Autêntica, 2013. p. 148.

⁵³ BAENINGER, R. Migração Transnacional: elementos teóricos para o debate. In: BAENINGER, R. *et al.* (org.). *Imigração haitiana no Brasil*. Jundiá: Paco Editorial, 2016. p. 13-43.

⁵⁴ CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; SILVA, B. G. (org.). *Imigração e refúgio no Brasil: retratos da década de 2010*. Brasília, DF: OBMigra, 2021. Disponível em:



brasileiros passaram de meros 106 registros em 2006, para quase 30 mil em 2021, dos quais 16 mil eram de haitianos e 10 mil de venezuelanos⁵⁵. No total, ao menos 38 nacionalidades compõem esse nicho de trabalho, cujo processo de formação inicia-se com a expansão dos frigoríficos brasileiros no contexto do Mercosul, ainda nos anos 1990; se fortalece ao longo dos anos 2000 com o crescimento das exportações para os países árabes⁵⁶; e se consolida em anos recentes com o *boom* provocado pela demanda chinesa por proteína animal⁵⁷.

Acompanhando os diferentes momentos da globalização dos frigoríficos brasileiros, a constituição desse nicho de trabalho migrante não se enquadra nas perspectivas teóricas sobre inserção laboral de imigrantes internacionais no Norte Global. Em primeiro lugar, esse fenômeno precisa ser compreendido diante das especificidades do mercado de trabalho nacional, historicamente estruturado a partir da de uma oferta abundante de mão de obra⁵⁸. Em segundo lugar, é necessário compreendê-lo à luz da grave e generalizada violação dos direitos humanos na origem dos principais fluxos que alimentam esse setor. Em terceiro lugar, é fundamental reforçar que, na rota das migrações transnacionais de refúgio, o Brasil surge como o país possível, em função das mais amplas possibilidades de documentação, embora não seja o destino desejado⁵⁹.

Finalmente, em quarto lugar, esse nicho não reproduz as especializações laborais características do mercado global de trabalho migrante, com redes de

https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Obmigra_2020/Relat%C3%B3rio_Anual/Retratos_da_De%CC%81cada.pdf. Acesso em: 09 nov. 2023.

⁵⁵ Informações derivadas da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS). Para recortar a categoria ‘trabalho nos frigoríficos’, foram selecionados os seguintes setores de atividade da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), versão 2.0: Frigorífico - abate de bovinos; Frigorífico - abate de bufalinos; Frigorífico - abate de equinos; Frigorífico - abate de ovinos e caprinos; Frigorífico - abate de suínos; Matadouro - abate de reses sob contrato, exceto abate de suínos; Matadouro - abate de suínos sob contrato; Abate de aves; Abate de pequenos animais; Fabricação de produtos de carne; Preparação de subprodutos do abate.

⁵⁶ SILVA, A. R. de C. Imigrantes africanos solicitantes de refúgio na indústria avícola *halal* brasileira. *Travessia: revista do migrante*, São Paulo, n. 73, p. 21-30, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/view/128>. Acesso em: 09 nov. 2023.

⁵⁷ DEMÉTRIO, N. B.; BAENINGER, R. Migração internacional e agronegócio: estudo de caso nos frigoríficos brasileiros. *In: SENHORAS, E. M. (org.). Agronegócio: agendas socioeconômicas*. Boa Vista: Editora IOLE, 2022. p. 49-96.

⁵⁸ OLIVEIRA, F. de. *Crítica à razão dualista: o ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

⁵⁹ BAENINGER, R. Cenários das Migrações Internacionais no Brasil. *In: BERQUÓ, E. (org.). Demografia na Unicamp: um olhar sobre a produção do Neopopulacionismo*. Campinas: Editora da Unicamp, 2017.



recrutamento que se iniciam ainda nos países de origem⁶⁰. Também a abordagem da exportação organizada de trabalhadores⁶¹, dos nichos étnicos, dos enclaves étnicos e dos sistemas de treinamento que moldam essa forma de inserção laboral⁶² não são suficientes para pensar as conotações dirigidas do fluxo, dentro da qual a articulação de uma política organizada de distribuição desses migrantes conta com forte apoio do Estado, de organismos internacionais e da sociedade civil⁶³.

A concentração de migrantes internacionais no setor tampouco distingue-se pelas redes de subcontratação e terceirização que incidem na informalidade do trabalho, uma característica comum a muitos nichos de trabalho migrante no mundo⁶⁴. Nesse sentido, é importante ressaltar a emergência dos mercados globais e a multiplicação dos canais de recrutamento do trabalho precarizado⁶⁵. Esse fenômeno reconfigura, inclusive, a dinâmica do trabalho formal, que passa cada vez mais a se nutrir das formas flexíveis que alimenta o precariado migrante⁶⁶.

Considerando as duas principais nacionalidades que compõe esse nicho - Haiti e Venezuela - as redes de recrutamento iniciaram-se na fronteira amazônica e suas origens remontam a um contexto emergencial de crise humanitária na origem e no destino desses fluxos⁶⁷. No caso da migração haitiana, esse processo data do começo da década de 2010, quando um fenômeno inédito aconteceu na história do Brasil: a chegada de solicitantes de refúgio pela fronteira terrestre⁶⁸.

⁶⁰ GUARNIZO, L. E.; SMITH, M. P. *The locations of transnationalis*. In: SMITH, M. P.; GUARNIZO, L. E. (ed.). *Transnationalism from below*. New Brunswick, NJ: Transaction Publishers, 1998. (*Comparative urban and community research*, v.6)

⁶¹ SASSEN, S. *Sociologia da Globalização*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

⁶² BAILEY, T.; WALDINGER, R. *Primary, secondary and enclave labor markets: a training systems approach*. *American Sociological Review*, US, v. 56, n. 4, p.432-445, 1991.

⁶³ BAENINGER, R. Migrações transnacionais na fronteira: novos espaços da migração Sul-Sul. In: BAENINGER, Rosana; CANALES, Alejandro (coord.). *Migrações fronteiriças*. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2018. p. 463-472.

⁶⁴ SASSEN, S. *Sociologia da Globalização*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

⁶⁵ BARRIENTOS, S. W. 'Labour chains': analysing the role of labour contractors in global production networks. *The Journal of Development Studies*, London, v. 49, n. 8, p. 1058-1071, Aug. 2013.

⁶⁶ STANDING, G. *O precariado: a nova classe perigosa*. São Paulo: Autêntica, 2013. p. 148.

⁶⁷ BAENINGER, R. Migração Transnacional: elementos teóricos para o debate. In: BAENINGER, R. et al. (org.). *Imigração haitiana no Brasil*. Jundiá: Paco Editorial, 2016. p. 13-43.

⁶⁸ SILVA, S. A. da. Fronteira Amazônica: passagem obrigatória para haitianos? *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana (REMHU)*, Brasília, DF, v. 23, n. 44, p. 119-134, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/507/413>. Acesso em: 09 nov. 2023.



De acordo com Handerson⁶⁹, os primeiros haitianos adentraram no país em fevereiro de 2010 e nem residiam no Haiti quando aqui chegaram: “eram procedentes da República Dominicana, Equador, Cuba e Chile”⁷⁰. Muito menos tinham o Brasil como destino final desejado: o plano era chegar à Guiana Francesa. No entanto, as dificuldades enfrentadas nesse percurso, a presença brasileira no Haiti e a aceleração do crescimento econômico no Brasil logo incidiram na reorientação desse fluxo⁷¹. Nas palavras de Costa⁷², o “sonho era a América do Norte e a Europa, mas as portas estavam fechadas”. Tiveram, assim, que “olhar para o Sul” e o “Brasil foi visto como uma alternativa”⁷³.

Uma vez em território nacional, essa população permanecia nas regiões de fronteira até a obtenção do protocolo de solicitação de refúgio. Segundo Silva⁷⁴, esse período durava de poucos dias a várias semanas, a depender das capacidades de atendimento do posto da Polícia Federal. Nesse intervalo, essa população era provisoriamente abrigada em instituições da Igreja Católica ou em prédios improvisados pelo poder público local. Uma vez documentados, os que possuíam recursos seguiam com seus planos de viagem. Entre aqueles sem dinheiro, “a solução era esperar algum empregador que viesse contratá-los e bancasse a viagem até a cidade onde a empresa opera”⁷⁵.

⁶⁹ HANDERSON, J. *Diaspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa*. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

⁷⁰ HANDERSON, J. *Diaspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa*. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. f. 33.

⁷¹ MAGALHÃES, L. F. A. *A imigração haitiana em Santa Catarina: perfil sociodemográfico do fluxo, contradições da inserção laboral e dependência de remessas no Haiti*. 2017. Tese (Doutorado em Demografia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

⁷² COSTA, G. A. *Imigração haitiana em Manaus: presença da Pastoral do Migrante*. *Travessia: revista do migrante*, São Paulo, n. 68, p. 84, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/download/501/460>. Acesso em: 09 nov. 2023.

⁷³ COSTA, G. A. *Imigração haitiana em Manaus: presença da Pastoral do Migrante*. *Travessia: revista do migrante*, São Paulo, n. 68, p. 84, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/download/501/460>. Acesso em: 09 nov. 2023.

⁷⁴ SILVA, S. A. da. *Fronteira Amazônica: passagem obrigatória para haitianos? Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana (REMHU)*, Brasília, DF, v. 23, n. 44, p. 119-134, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/507/413>. Acesso em: 09 nov. 2023.

⁷⁵ SILVA, S. A. da. *Fronteira Amazônica: passagem obrigatória para haitianos? Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana (REMHU)*, Brasília, DF, v. 23, n. 44, p. 125, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/507/413>. Acesso em: 09 nov. 2023.



Sobretudo no Acre, a concentração dessa população causou uma grave crise humanitária em Brasília, fazendo com que o governo estadual fornecesse, por conta própria, “transporte gratuito aos haitianos e imigrantes de outras nacionalidades para se deslocarem de Rio Branco para São Paulo”⁷⁶. “A chegada inesperada de um número expressivo de imigrantes na capital paulista provocou atritos” entre ambos os governos, com a Prefeitura de São Paulo tendo de improvisar locais de acolhimento dispersos na cidade⁷⁷. O principal deles, nas dependências da Missão Paz, “os colchões estendidos no salão paroquial [...] rapidamente foram adormecendo vazios”⁷⁸. “As imagens divulgadas ostensivamente pela mídia desses migrantes chegando aos milhares e em condições de extrema precariedade” ataçaram o “interesse de empresários das cinco regiões do País”, que os recrutavam “ali mesmo, no pátio” da instituição⁷⁹. Foi assim que as principais “casas de acolhida [...] tornaram-se verdadeiras ‘praças’ de oferta de trabalho”⁸⁰.

De acordo com Cutti⁸¹, “não foi possível quantificar os que solicitaram mão de obra haitiana e o tanto de vagas ofertadas [...], mas a demanda por imigrantes foi largamente desproporcional em relação à oferta”. Seja nas dependências da Missão Paz, seja nos vários municípios de passagem dessa migração, pipocaram pelo território brasileiro pontos de recrutamento de haitianos e haitianas, tendo como elemento mediador desse encontro organizações de cunho religioso, abrigos

⁷⁶ SILVA, S. A. da. Fronteira Amazônica: passagem obrigatória para haitianos? *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana (REMHU)*, Brasília, DF, v. 23, n. 44, p. 126, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/507/413>. Acesso em: 09 nov. 2023.

⁷⁷ SILVA, S. A. da. Fronteira Amazônica: passagem obrigatória para haitianos? *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana (REMHU)*, Brasília, DF, v. 23, n. 44, p. 126, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/507/413>. Acesso em: 09 nov. 2023.

⁷⁸ CUTTI, D. Apresentação. *Travessia: revista do migrante*, São Paulo, n. 73, p. 6, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/view/125/116>. Acesso em: 09 nov. 2023.

⁷⁹ BICUDO, M. V. G. C. de C. *Mobilização do “trabalho imigrante” em São Paulo: estudo sobre intermediação e usos do trabalho*. 2021. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. p. 53.

⁸⁰ COSTA, G. A. Imigração haitiana em Manaus: presença da Pastoral do Migrante. *Travessia: revista do migrante*, São Paulo, n. 68, p. 85, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/download/501/460>. Acesso em: 09 nov. 2023.

⁸¹ CUTTI, D. Apresentação. *Travessia: revista do migrante*, São Paulo, n. 73, p. 5, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/view/125/116>. Acesso em: 09 nov. 2023.



improvisados ou mesmo as associações migrantes que foram surgindo com o passar dos anos⁸².

De um fenômeno considerado inicialmente “episódico e de curto prazo”⁸³, a migração haitiana logo se transformou em um dos principais fluxos migratórios para o Brasil. Consolidou o país na rota das migrações transnacionais de refúgio⁸⁴, transformou a dinâmica das migrações nas fronteiras terrestres⁸⁵ e foi protagonista no movimento que resultou na radical alteração da política migratória nacional, em 2017, com a aprovação da Nova Lei de Migração⁸⁶.

Os aprendizados derivados da experiência com a migração haitiana foram fundamentais na organização da Operação Acolhida, força-tarefa montada pelo governo federal em Roraima para gerenciar o intenso fluxo de venezuelanos que, a partir de 2016, passaram a chegar no estado. Criada pelo Decreto Federal nº 9.285/2018 (posteriormente complementado pelos decretos 9.286/2018 e 9.970/2019), essa grande força logística e humanitária agrega os esforços de nove ministérios, da ONU e de centenas de entidades da sociedade civil. Suas ações dividem-se em três eixos: ordenamento de fronteira, momento no qual se faz a regularização migratória, atendimento médico e fiscalização sanitária; acolhimento; e interiorização⁸⁷.

⁸² MAGALHÃES, L. F. A. *A imigração haitiana em Santa Catarina: perfil sociodemográfico do fluxo, contradições da inserção laboral e dependência de remessas no Haiti*. 2017. Tese (Doutorado em Demografia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

⁸³ FERNANDES, Duval; FARIA, Andressa V. de. O visto humanitário como resposta ao pedido de refúgio dos haitianos. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Belo Horizonte, v. 34, n. 1, p. 150, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/jQH7THPDpCKwtJFDcRd6Yxd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 nov. 2023.

⁸⁴ BAENINGER, R. Migração transnacional: elementos teóricos para o debate. In: BAENINGER, R. *et al.* (org.). *Imigração haitiana no Brasil*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. p. 13-43.

⁸⁵ BAENINGER, R. Migrações transnacionais na fronteira: novos espaços da migração Sul-Sul. In: BAENINGER, Rosana; CANALES, Alejandro (coord.). *Migrações fronteiriças*. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2018. p. 463-472.

⁸⁶ ASSIS, Gláucia de O. Nova Lei de Migração no Brasil: avanços e desafios. In: BAENINGER, Rosana *et al.* *Migrações Sul-Sul*. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2018. p. 609-623.

⁸⁷ CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; SILVA, B. G. (org.). *Imigração e refúgio no Brasil: retratos da década de 2010*. Brasília, DF: OBMigra, 2021. Disponível em: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Obmigra_2020/Relat%C3%B3rio_Anual/Retratos_da_De%CC%81cada.pdf. Acesso em: 09 nov. 2023.



Com um guichê instalado dentro da Operação Acolhida⁸⁸, a JBS - uma das maiores indústrias alimentícias do mundo, proprietária de mais de 70 marcas, dentre as quais estão a Seara, Swift, Friboi, Rezende, Delícia e Doriana - passou a ser uma das principais impulsionadoras do Programa Nacional de Interiorização, através da modalidade 'vaga sinalizada de emprego'. Na modalidade de interiorização por vias institucionais (abrigo-abrigo), o apoio oferecido pela sociedade civil revela o protagonismo das entidades religiosas na governança dessa migração, cuja grande inovação foi credenciar a atuação de Igrejas evangélicas e neopentecostais⁸⁹.

Ao analisar as migrações venezuelanas para o Brasil no século XXI por vias terrestres, Baeninger⁹⁰ revisita a perspectiva teórica das migrações dirigidas em função das articulações entre Estado, organismos internacionais e sociedade civil que esse conceito pressupõe⁹¹. Seja na migração venezuelana, seja na migração haitiana, a centralidade exercida pelas instituições religiosas na acolhida humanitária, em parceria com organizações internacionais, empresta novas características aos processos de mobilização para o trabalho dessa migração⁹².

Para Moreira⁹³, Souza e Ruseishvili⁹⁴, os vínculos entre o Estado brasileiro, organizações religiosas e internacionais, envolvendo a questão humanitária,

⁸⁸ Informação obtida no "XXV Ciclo de Estudos Estratégicos: Operação Acolhida - perspectivas e desafios", conduzido pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Militares do Instituto Meira Mattos, no âmbito da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, em 5 de abril de 2022.

⁸⁹ SOUZA, A. R. de; RUSEISHVILI, S. As organizações cristãs de abrangência nacional em face da questão dos refugiados. **Contemporânea: Revista de Sociologia da UFSCar**, São Carlos, v. 10, n. 2, p. 537-555, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/862/pdf>. Acesso em: 09 nov. 2023.

⁹⁰ BAENINGER, R. Governança das migrações: migrações dirigidas de venezuelanos e venezuelanas no Brasil. In: BAENINGER, R. et al. **Migrações Venezuelanas**. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2018. p. 135-138.

⁹¹ BASSANEZI, M. S. Imigrações internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: PATARRA, N. L. (coord.). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1996. p. 1-38.

⁹² BICUDO, M. V. G. C. de C. **Mobilização do "trabalho imigrante" em São Paulo: estudo sobre intermediação e usos do trabalho**. 2021. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

⁹³ MOREIRA, J. B. **Política em relação aos refugiados no Brasil (1947-2010)**. 2012. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

⁹⁴ SOUZA, A. R. de; RUSEISHVILI, S. As organizações cristãs de abrangência nacional em face da questão dos refugiados. **Contemporânea: Revista de Sociologia da UFSCar**, São Carlos, v. 10, n. 2, p. 537-555, maio/ago. 2020. Disponível em:



migração e refúgio, remonta à década de 1960, quando a Cáritas e o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) passaram a atuar na acolhida aos perseguidos políticos pelas ditaduras dos países vizinhos. Ainda que não houvesse real intenção do governo brasileiro em receber e proteger essa população, as autoridades nacionais julgavam importante conter possíveis críticas da comunidade internacional, caso o Brasil adotasse uma postura hostil à atuação da ONU. Nesse impasse, as atividades do ACNUR foram toleradas desde que se procedesse o reassentamento dessa população em outros países⁹⁵.

Nos anos 1990, o reestabelecimento da democracia no país e os compromissos assumidos internacionalmente intervieram na promulgação do Estatuto do Refugiado, de 1997. Ainda que essa legislação seja considerada bastante progressista, sua implementação carrega uma contradição fundamental: os avanços na regulação migratória não acompanharam uma política para imigrantes devidamente estruturada⁹⁶. O afastamento do Estado na área social tem sido suprido pelos arranjos entre a Igreja e as organizações internacionais, numa divisão de tarefas desenhada ao longo dos últimos sessenta anos⁹⁷.

Assim, o recrutamento humanitário para o trabalho nos frigoríficos brasileiros agrega os esforços do Estado, cuja função é garantir a documentação; das Forças Armadas, responsável por gerenciar o fluxo migratório e coordenar a sua redistribuição em território nacional; de instituições religiosas e da ONU, encarregadas pela acolhida humanitária e apoio financeiro, com recursos que não

<https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/862/pdf>. Acesso em: 09 nov. 2023.

⁹⁵ MOREIRA, J. B. **Política em relação aos refugiados no Brasil (1947-2010)**. 2012. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

⁹⁶ MOREIRA, J. B. **Política em relação aos refugiados no Brasil (1947-2010)**. 2012. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

⁹⁷ SOUZA, A. R. de; RUSEISHVILI, S. As organizações cristãs de abrangência nacional em face da questão dos refugiados. **Contemporânea: Revista de Sociologia da UFSCar**, São Carlos, v. 10, n. 2, p. 537-555, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/862/pdf>. Acesso em: 09 nov. 2023.



raro expressam estratégias do Norte Global em formar países “tampões”, capazes de conter essa população longe de suas fronteiras⁹⁸.

A concentração de imigrantes nos frigoríficos revela, portanto, a formação de um nicho de trabalho com forte apoio do Estado e das migrações dirigidas⁹⁹, na qual a combinação de solidariedades orgânicas e organizacionais¹⁰⁰, de atores estatais e parastatais¹⁰¹, colocam novas questões para o entendimento das condições de vida e de trabalho dessa população.

3.2. A Pesquisa Imigração No Brasil: Inserção Laboral e Condições de Vida¹⁰²

No propósito de melhor compreender a relação entre o recrutamento humanitário e a formação do nicho de trabalho migrante nos frigoríficos do Brasil, o trabalho também se ampara em metodologias qualitativas de pesquisa, com a realização de 89 entrevistas semiestruturadas entre julho e outubro de 2022, em formato virtual, com imigrantes trabalhadores nesse setor. Seguindo os caminhos abertos por Fernandes e Baeninger¹⁰³, a definição das “portas de entrada” e dos “porta-vozes” da pesquisa contou com o apoio de migrantes mediadores, cuja participação ampliou as conexões da investigação.

A partir dos contatos pessoais de lideranças migrantes específicas, responsáveis pela condução de quase todas as entrevistas, a pesquisa conseguiu alcançar participantes residentes em quatro Unidades da Federação (Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). Essa estratégia metodológica driblou as desconfianças e demais dificuldades impostas por um trabalho de campo

⁹⁸ AGIER, Michel. Refugiados diante da nova ordem mundial. *Tempo Social*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 197-215, nov. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ts/v18n2/a10v18n2> Acesso em: 03 mar. 2021.

⁹⁹ BAENINGER, R. Governança das migrações: migrações dirigidas de venezuelanos e venezuelanas no Brasil. In: BAENINGER, R. *et al.* **Migrações Venezuelanas**. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2018. p. 135-138

¹⁰⁰ SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. 5. ed. São Paulo: EdUSP, 2013.

¹⁰¹ AMAR, P. **O Arquipélago da Segurança: estados de segurança humana, políticas de sexualidade e o fim do neoliberalismo**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2018.

¹⁰² Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) 49335121.1.0000.8142.

¹⁰³ FERNANDES, D.; BAENINGER, R. (coord.). **Impactos da pandemia de COVID-19 nas migrações internacionais no Brasil: resultados de pesquisa**. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2020. p. 13.



online, fez uso criativo das tecnologias de comunicação disponíveis e valeu-se das redes acionadas por migrantes mediadores para alavancar a investigação. Ao incorporar a “dimensão da autonomia/agência” desses “sujeitos migrantes na construção dos resultados da pesquisa”, Fernandes e Baeninger¹⁰⁴ apresentam o potencial da metodologia “sujeito-ator” nos estudos sobre migração internacional e condições de vida, reproduzida nesse trabalho.

Os diálogos foram guiados por um roteiro de 37 perguntas abertas e fechadas, organizadas em 9 módulos temáticos: (1) características gerais da pessoa; (2) família e arranjos domiciliares; (3) escolaridade e treinamento profissional; (4) formas de ingresso e trajetória migratória no Brasil; (5) trajetórias migratórias em outros países; (6) o trabalho no frigorífico; (7) redes de apoio; (8) remessas e rendimentos; (9) considerações adicionais e principais demandas.

A definição das perguntas expressa o olhar para os agentes mediadores da inserção laboral¹⁰⁵ e para as trajetórias migratórias¹⁰⁶. Por um lado, as questões relativas aos momentos definidores do encontro entre migrantes e frigoríficos revela as particularidades do mercado por onde circula a força de trabalho necessária à reprodução desse setor¹⁰⁷, a presença de atores paraestatais¹⁰⁸ na conformação do recrutamento humanitário e dos canais da migração que, originalmente

¹⁰⁴ FERNANDES, D.; BAENINGER, R. (coord.). **Impactos da pandemia de COVID-19 nas migrações internacionais no Brasil: resultados de pesquisa**. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2020. p. 14.

¹⁰⁵ BICUDO, M. V. G. C. de C. **Mobilização do “trabalho imigrante” em São Paulo: estudo sobre intermediação e usos do trabalho**. 2021. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

¹⁰⁶ RIVERA SÁNCHEZ, L. *Las trayectorias en los estudios de migración: una herramienta para el análisis longitudinal cualitativo*. In: ARIZA, M.; L. VELASCO (coord.). **Métodos cualitativos y su aplicación empírica: por los caminos de la investigación sobre migración internacional**. México, DF: UNAN, Instituto de Investigaciones, 2015. p. 455-494.

¹⁰⁷ GUIMARÃES, N. A. Empresariando o trabalho: os agentes econômicos da intermediação de empregos, esses ilustres desconhecidos. **Dados: revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 51, n. 2, p. 275-311, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/PwLvNSRD33BSZF8X9mnfLBn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 nov. 2023.

¹⁰⁸ AMAR, P. **O Arquipélago da Segurança: estados de segurança humana, políticas de sexualidade e o fim do neoliberalismo**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2018.



produzidos por uma migração dirigida¹⁰⁹, se dinamizam com a formação de redes interpessoais responsáveis por alimentar a constituição desse nicho de trabalho¹¹⁰.

Por outro lado, a abordagem das trajetórias migratórias constitui uma ferramenta capaz de sistematizar e ordenar a multiespacialidade dos deslocamentos populacionais, cada vez mais rotativos e marcados por um constante ir e vir¹¹¹. Ao unir dois eixos vertebrais das Ciências Sociais - o tempo e o espaço - essa abordagem tem por objetivo conectar eventos individuais a processos históricos mais amplos¹¹². O mapeamento dos caminhos trilhados por cada migrante, com identificação das associações por ele estabelecidas nos variados lugares de estadia e/ou passagem, ajuda rastrear as conexões sociais¹¹³ que vinculam essas pessoas aos frigoríficos.

Nesse sentido, as perguntas sobre todos os lugares onde os(as) entrevistados(as) já residiram até alcançar seus locais de moradia e trabalho no momento da pesquisa permitem que esses “atores arrumem, por assim dizer, sua própria bagunça”, confiando-lhes a capacidade de restaurar uma ordem potencialmente distinta das tentativas dos(as) pesquisadores(as) de recompor esse fenômeno¹¹⁴. Esse exercício de juntar a dimensão da estrutura e da agência, do ator e da rede, permite entender a migração não como um ponto crítico, marcado por um evento único, mas como uma trama de fenômenos construída em diferentes

¹⁰⁹ BAENINGER, R. Migrações transnacionais na fronteira: novos espaços da migração Sul-Sul. In: BAENINGER, Rosana; CANALES, Alejandro (coord.). **Migrações fronteiriças**. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2018. p. 463-472.

¹¹⁰ TRUZZI, O. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 199-218, jun. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/K3dggCcfJdy4xWB9DjpRc7C/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 nov. 2023.

¹¹¹ BAENINGER, R. **Fases e faces da migração em São Paulo**. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2012.

¹¹² RIVERA SÁNCHEZ, L. *Las trayectorias en los estudios de migración: una herramienta para el análisis longitudinal cualitativo*. In: ARIZA, M.; L. VELASCO (coord.). **Métodos cualitativos y su aplicación empírica: por los caminos de la investigación sobre migración internacional**. México, DF: UNAN, Instituto de Investigaciones, 2015. p. 455-494.

¹¹³ LATOUR, B. **Reagregando o Social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador: EdUFBA, 2012.

¹¹⁴ LATOUR, B. **Reagregando o Social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador: EdUFBA, 2012.



escalas¹¹⁵. É assim que as trajetórias migratórias aparecem como uma “ginástica” entre o micro e macro, revelando as associações que o local faz com o global¹¹⁶.

No total, imigrantes residentes em sete municípios do Brasil participaram da pesquisa: Campo Grande, Sidrolândia e Itaquiraí, no estado do Mato Grosso do Sul; Curitiba, no Paraná; Capinzal e Chapecó, em Santa Catarina; e Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul. A grande maioria tinha como nacionalidade a Venezuela, mas nacionais do Chile, Haiti e Peru também colaboraram com a investigação (Figura 1).

Figura 1. Participantes da Pesquisa Imigração No Brasil: Inserção Laboral e Condições de Vida - Frigoríficos, segundo nacionalidade dos participantes e município de residência. Brasil, julho/outubro de 2022.



Fonte: Pesquisa Imigração no Brasil: inserção laboral e condições de vida. CAAE 49335121.1.0000.8142.

¹¹⁵ RIVERA SÁNCHEZ, L. *Las trayectorias en los estudios de migración: una herramienta para el análisis longitudinal cualitativo*. In: ARIZA, M.; L. VELASCO (coord.). *Métodos cualitativos y su aplicación empírica: por los caminos de la investigación sobre migración internacional*. México, DF: UNAN, Instituto de Investigaciones, 2015. p. 455-494.

¹¹⁶ LATOUR, B. *Reagregando o Social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador: EdUFBA, 2012. p. 249.



Todos os entrevistados ingressaram no Brasil por fronteiras terrestres. Dois dos três nacionais do Haiti haviam residido em outros países da América do Sul (Chile ou Peru). O município de São Paulo aparece como área de rotatividade migratória para esses entrevistados, fenômeno intrinsecamente associado à conformação de novos espaços da migração internacional no país¹¹⁷. As informações sistematizadas no Quadro 1 revelam, ainda, a presença de peruanos e chilenos recrutados por redes de amizade, inclusive com venezuelanos, o que reforça a composição de um nicho migrante para além das dimensões étnicas¹¹⁸.

Quadro 1. Trajetórias migratórias dos participantes da *A Pesquisa Imigração No Brasil: Inserção Laboral e Condições de Vida - Frigoríficos com nacionalidade haitiana, chilena e peruana*. Brasil, julho/outubro de 2022.

Trajetória dos entrevistados haitianos

1. Do Haiti (eletricista) direto para o Brasil, em 2015 (trajeto República Dominicana-Ecuador-Peru, com ingresso pelo Acre), 1 mês em São Paulo desempregado e depois Itaquirai/MS, onde logo começou a trabalhar no frigorífico

Tipo de recrutamento: redes de amizade

2. Do Haiti para o Chile, em 2018, onde morou 1 ano (construção civil); depois para o Peru, onde morou 4 meses (construção civil); depois para o Brasil (ingresso pelo Acre) e por onde foi direto para Sidrolândia/MS, em 2020, com contratação imediata pelo frigorífico

Tipo de recrutamento: redes de amizade

3. Do Haiti para o Chile, em 2019, onde trabalhou na construção; em 2020 veio ao Brasil (ingresso por Corumbá/MS), ficou um tempo em São Paulo/SP (bicos na construção civil) e depois foi para Sidrolândia/MS, onde logo começou a trabalhar no frigorífico

Tipo de recrutamento: redes de amizade

Trajetória do entrevistado peruano

1. Chegou ao Brasil em 2021, pelo Acre, onde passou 1 semana até conseguir documentação. Foi de ônibus até São Paulo, onde morou 4 meses. Com dificuldade em encontrar trabalho na capital paulista, decidiu mudar-se para Sidrolândia/MS por influência de amigos, já trabalhadores do frigorífico. Nunca havia morado em outro país. No Peru seu último emprego foi como moto taxista.

Tipo de recrutamento: redes de amizade.

¹¹⁷ BAENINGER, R. *Fases e faces da migração em São Paulo*. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2012.

¹¹⁸ WALDINGER, R. *Networks and niches: the continuing significance of ethnic connections*. In: LOURY, G.; MODOOD, T.; TELES, S. M. (ed.). *Ethnicity, social mobility, and public policy: comparing the USA and UK*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 342-362.



Trajecória do entrevistado chileno

1. Chegou ao Brasil em 2020. Entrou pela fronteira do Acre, por onde foi direto para Sidrolândia/MS. Antes de vir ao Brasil, morou 1 ano e 4 meses no Peru, onde trabalhou como ajudante de mecânico e na parte de serviços gerais numa indústria de alimentos. Foi nesse trabalho que fez amizades com venezuelanos e, por influência desses amigos, resolveu 'testar a sorte no Brasil'.

Tipo de recrutamento: redes de amizade.

Fonte: Pesquisa Imigração no Brasil: inserção laboral e condições de vida. CAAE 49335121.1.0000.8142.

Segundo o interlocutor de Itaquirai/MS, os primeiros haitianos que começaram a trabalhar no frigorífico do município foram contratados em Manaus, quando um empresário local enviou aliciadores para a fronteira Norte. Se nessa “etapa germinal do fluxo migratório”, as redes sociais eram “mais produto que causa dos fluxos”¹¹⁹, no momento da realização da pesquisa, seu funcionamento já dispensava a atuação desses agentes intermediários.

No tocante aos 84 entrevistados(as) da Venezuela, todos entraram no Brasil por Pacaraima (RR). Setenta e cinco nunca havia morado em outro país, enquanto 8 já tinham residido na Colômbia; e 1 com passagens na Colômbia e também no Peru. Cinquenta e um se deslocaram com recursos próprios e 33 tiveram respaldo da Operação Acolhida para compra de passagens. Vinte e oito encontram trabalho nos frigoríficos por intermediação exclusiva dessa força-tarefa. Quase metade dos 84 venezuelanos entrevistados começaram a trabalhar no frigorífico com menos de um mês de permanência no Brasil e 61 declararam ter entrado no país entre 2020 e 2022.

Dentre esses entrevistados, destaca-se a trajetória de um homem de 27 anos, solteiro, sem filhos, natural de Guarenas, distante 40 km de Caracas. Em sua terra natal trabalhou como encanador, vendedor ambulante e no garimpo. Não tinha planos de morar no Brasil, mas as dificuldades em ganhar a vida na Venezuela o fizeram mudar de ideia, em 2019. Antes da mudança definitiva, cruzava ambos os

¹¹⁹ MAGALHÃES, L. F. A. *A imigração haitiana em Santa Catarina: perfil sociodemográfico do fluxo, contradições da inserção laboral e dependência de remessas no Haiti*. 2017. Tese (Doutorado em Demografia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017. p. 187.



países cotidianamente revendendo mercadorias. Contudo, o fechamento das fronteiras por conta da pandemia o obrigou a permanecer no Brasil. Por quase um ano morou na rodoviária de Boa Vista, sobrevivendo da revenda de picolés pela cidade. Inicialmente, relutou em participar da Operação Acolhida por conta de seu trabalho como ambulante e de seus planos de voltar à Venezuela. Tudo mudou com os impactos da crise sanitária no comércio de rua. Já sem ter o que comer, decidiu tentar a sorte em outro lugar, através do Programa de Interiorização. Como não conhecia ninguém no Brasil, apenas podia ser interiorizado por meio de vaga sinalizada de trabalho. Demorou 10 meses até ser chamado para trabalhar no frigorífico de Sidrolândia, em dezembro de 2021. Chegou nesse município com um grupo de 40 pessoas: todas para trabalhar no mesmo lugar e agenciadas da mesma forma.

Em um primeiro momento, esse interlocutor não relatou suas insatisfações com a empresa. Reconheceu o ritmo acentuado das linhas de produção, mas agradeceu a oportunidade, afirmando ter um “corpo acostumado com o trabalho pesado”. Apenas fez reclamações explícitas sobre o não recebimento das horas extras quando entrevistado pela segunda vez, por uma compatriota. A relação de confiança derivada de sua origem comum o deixou à vontade para denunciar os abusos cometidos pelo empregador e sua vontade de entrar com uma demanda judicial contra o frigorífico. Revela-se, assim, os ganhos das perspectiva sujeito-ator para o estudo das migrações internacionais¹²⁰.

A trajetória migratória desse participante assemelha-se a de outras 38 pessoas que saíram da Venezuela e vieram diretamente ao Brasil, passando por Pacaraima e Boa Vista. As informações sistematizadas do Quadro 2 apontam para trajetórias que conectam o estado de Roraima diretamente aos frigoríficos, bem como outros percursos com etapas intermediárias em capitais como Manaus, São Paulo, Curitiba e Campo Grande. Um entrevistado apresentou uma trajetória com passagens em 5 localidades diferentes entre sua saída da Venezuela e o encontro com o frigorífico.

¹²⁰ FERNANDES, D.; BAENINGER, R. (coord.). **Impactos da pandemia de COVID-19 nas migrações internacionais no Brasil: resultados de pesquisa**. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2020.



Corroborar-se, portanto, a intensa migração interna das migrações internacionais e os novos rumos desses deslocamentos no Brasil¹²¹.

Quadro 2. Trajetórias migratórias dos participantes da A Pesquisa Imigração No Brasil: Inserção Laboral e Condições de Vida - Frigoríficos com nacionalidade venezuelana. Brasil, julho/outubro de 2022.

Trajetória migratória de nacionais da Venezuela residentes em Sidrolândia (MS)	42
Venezuela - Pacaraima (RR) - Dourados (MS) - Sidrolândia (MS)	1
Venezuela - Pacaraima (RR) - Boa Vista (RR) - Sidrolândia (MS)	38
Venezuela - Pacaraima (RR) - Boa Vista (RR) - Manaus (AM) - São Paulo (SP) - Sidrolândia (MS)	1
Venezuela - Colômbia - Equador - Pacaraima (RR) - Boa Vista (RR) - Sidrolândia (MS)	1
Venezuela - Colômbia - Pacaraima (RR) - Boa Vista (RR) - Sidrolândia (MS)	1
Trajetória migratória de nacionais da Venezuela residentes em Campo Grande (MS)	1
Venezuela - Pacaraima (RR) - Boa Vista (RR) - Campo Grande (MS)	1
Trajetória migratória de nacionais da Venezuela residentes em Chapecó (SC)	8
Venezuela - Pacaraima (RR) - Boa Vista (RR) - São Paulo (SP) - Curitiba (PR) - Chapecó (SC)	1
Venezuela - Pacaraima (RR) - Boa Vista (RR) - Curitiba (PR) - Chapecó (SC)	1
Venezuela - Pacaraima (RR) - Boa Vista (RR) - Chapecó (SC)	3
Venezuela - Pacaraima (RR) - Boa Vista (RR) - Manaus (AM) - Chapecó (SC)	1
Venezuela - Pacaraima (RR) - Boa Vista (RR) - São Paulo (SP) - Chapecó (SC)	1
Venezuela - Pacaraima (RR) - Chapecó (SC)	1
Trajetória migratória de nacionais da Venezuela residentes em Capinzal (SC)	23
Venezuela - Pacaraima (RR) - Capinzal (SC)	6
Venezuela - Pacaraima (RR) - Boa Vista (RR) - Capinzal (SC)	11
Venezuela - Pacaraima (RR) - Boa Vista (RR) - Manaus (AM) - Capinzal (SC)	1
Venezuela - Colômbia - Pacaraima (RR) - Boa Vista (RR) - Curitiba (PR) - Capinzal (SC)	1
Venezuela - Colômbia - Pacaraima (RR) - Boa Vista (RR) - Capinzal (SC)	2
Venezuela - Colômbia - Pacaraima (RR) - Capinzal (SC)	1
Venezuela - Pacaraima (RR) - Porto Velho (RO) - Campo Grande (MS) - Capinzal (SC)	1
Trajetória migratória de nacionais da Venezuela residentes em Curitiba (PR)	1
Venezuela - Pacaraima (RR) - Boa Vista (RR) - Curitiba (PR)	1
Trajetória migratória de nacionais da Venezuela residentes em Caxias do Sul (RS)	8
Venezuela - Pacaraima (RR) - Boa Vista (RR) - Caxias do Sul (RS)	2
Venezuela - Pacaraima (RR) - Boa Vista (RR) - São Paulo (SP) - Caxias do Sul (RS)	1
Venezuela - Colômbia - Pacaraima (RR) - Boa Vista (RR) - Manaus (AM) - São Paulo (SP) - Caxias do Sul (RS)	1
Venezuela - Pacaraima (RR) - Caxias do Sul (RS)	3
Venezuela - Pacaraima (RR) - Manaus (AM) - Caxias do Sul (RS)	1

Fonte: Pesquisa Imigração no Brasil: inserção laboral e condições de vida. CAAE 49335121.1.0000.8142.

No tocante às condições de trabalho, a pesquisa reforçou os elevados índices de formalização desse setor: todos os 89 entrevistados tinham carteira de trabalho assinada. No entanto, apenas 14 declararam ter recebido treinamento prévio.

¹²¹ BAENINGER, R. *Fases e faces da migração em São Paulo*. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2012.



“Aprendi vendo os demais empregados”, nos confidenciou uma informante que nunca havia trabalhado como magarefe antes. Seis pessoas disseram trabalhar 10 horas por dia e receber por apenas 8. Reclamações sobre descontos indevidos, excesso de carga, ausência de equipamentos de proteção individual (EPI) e adoecimentos foram recorrentes (Quadro 3).

Quadro 3. Algumas das reclamações relatadas pelos participantes da Pesquisa Imigração No Brasil: Inserção Laboral e Condições de Vida - Frigoríficos. Brasil, julho/outubro de 2022.

“Demasiado escravizador, quando entrei trabalhava na refilação de peito, me saiu um osso da munheca e eles somente falaram ‘tome um comprimido para dor’”

“É muito pesado, a maioria das pessoas trabalham com faca, muitas vezes adoecem de asma, precisam pegar sacos de mais de 20 Kg”

“Horrrível, uma exploração, fazem muita pressão sem se importar com a condição humana dos trabalhadores”

“Muito ruim. Eu comecei na função de serviço geral (sem carteira no início), depois me enviaram para o abate, cortar as tripas com facas e sem treinamento nenhum, eu tinha que olhar como os demais faziam. Agora eles assinaram a carteira nesse cargo. Porém eles mudam muito a gente de função”

“No começo, a empresa entregava avental, luvas, tocas, mangas para o antebraço. Depois eles não entregaram mais nada e todos tinham que andar sujo de sangue, no rosto, na roupa”

“Não estou conforme, eles não valorizam o trabalho que eu estou fazendo, porque eu tenho que agir na mesma velocidade da máquina. Eles exigem 3 coxas em 45 segundos. Eu estou fazendo de 7 a 8 em um minuto, mas não estão pagando o bono de produção”

“O descanso eles falam que são de 25 minutos, mas só dão 15. Não tem pontualidade na hora da janta. Trabalhamos horas extras e não somos pagos”

Fonte: Pesquisa Imigração no Brasil: inserção laboral e condições de vida. CAAE 49335121.1.0000.8142.

Os principais danos à saúde reportados foram dores nas pernas, nas costas, no quadril, nas mãos e nos braços, além de doenças respiratórias causadas pelo trabalho nas câmaras frias (Quadro 4). Má qualidade do atendimento médico prestado pela empresa e dificuldades de agendamento no INSS para avaliação de benefício por acidente de trabalho apareceram entre as principais necessidades dos(as)



entrevistados(as). No total, 17 participantes manifestaram interesse em receber orientações jurídicas para demandas contra a empresa contratante e/ou INSS.

Quadro 4. Algumas das reclamações sobre danos à saúde relatadas pelos participantes da *Pesquisa Imigração No Brasil: Inserção Laboral e Condições de Vida - Frigoríficos*. Brasil, julho/outubro de 2022.

“Machuquei o ombro e fiquei 4 anos sem conseguir trabalhar”

“Tenho lesão no braço esquerdo completo. Já fui atendida pelos médicos, pega atestado, porém cada dia fica pior a dor no braço, os tratamentos não estão dando resultado”

“Tenho lesão na espalda. Fui várias vezes na enfermagem, não fui atendido e eles não aceitam atestados de outros médicos”

“Passo as noites com câimbra nas mãos e dor”

“Tive um acidente carregando uma caixa de papada de porco de mais de 30Kg. Chorei muito pela dor. Eles só me deram um comprimido e me mudaram de função. Depois de um mês voltei na triparia e no abate. Minhas mãos dormem e eu tenho câimbras. Às vezes sinto que perdi a força nelas”

“Muita gente já quer fazer os 14 peitos por minuto no primeiro dia de trabalho. O corpo não está acostumado. Daí vem a lesão”

Fonte: Pesquisa Imigração no Brasil: inserção laboral e condições de vida. CAAE 49335121.1.0000.8142.

As narrativas sobre cumprimento de metas e ganhos por produção reforçam a construção de uma “mente precarizada”, estimulada por “gratificações instantâneas”, tal como discutido por Standing¹²². Essa forma de pensar à ‘curto prazo’ reflete, nos termos do autor, as “pressões e experiências que conduzem a uma existência precarizada, de viver no presente, sem uma identidade segura ou um senso de desenvolvimento por meio do trabalho e do estilo de vida”¹²³.

Ao alterar a subjetividade dos indivíduos, os ideários neoliberais ganham força para atacar direitos trabalhistas nos quatro cantos do planeta¹²⁴. Particularmente no setor de frigoríficos, os últimos cinco anos marcam a proliferação de inúmeras

¹²² STANDING, G. *O precariado: a nova classe perigosa*. São Paulo: Autêntica, 2013. p. 39-40.

¹²³ STANDING, G. *O precariado: a nova classe perigosa*. São Paulo: Autêntica, 2013. p. 37.

¹²⁴ STANDING, G. *O precariado: a nova classe perigosa*. São Paulo: Autêntica, 2013.



legislações que atentam contra as já precárias estruturas estatais de fiscalização e controle das condições de trabalho. A principal delas, a Norma Regulamentadora 36, publicada pelo Ministério do Trabalho e Emprego em abril de 2013, disciplina os rodízios ocupacionais, o uso de EPIs e a concessão de pausas térmicas e ergonômicas. Considerada um avanço para a segurança e saúde ocupacional dos trabalhadores no setor, essa legislação vem sendo revista desde 2019, “com o objetivo de simplificar”, “desburocratizar” e “flexibilizar” suas recomendações¹²⁵. Para as empresas, as pausas previstas pela NR-36 “não devem ser padronizadas, mas adequadas e adotadas quando definidas pelos estudos ergonômicos feitos pelas próprias empregadoras”. As disputas judiciais em torno de suas alterações, bem como a aprovação da Reforma Trabalhista de 2017, corroboram a adequação da legislação nacional à globalização precarizante¹²⁶, com os frigoríficos na vanguarda desse movimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de formação do precariado migrante assume características específicas nos frigoríficos brasileiros. Em primeiro lugar, o crescente apelo à migração internacional, mesmo diante de elevados níveis de desemprego no país, deve ser interpretado como parte das estratégias de contenção do conflito entre capital e trabalho¹²⁷. A busca ativa pelo trabalho migrante¹²⁸, ainda que impulsionada pelo envelhecimento acelerado da população brasileira e pela reestruturação da produção em nível global, tem raízes históricas que remontam à estruturação do próprio mercado de trabalho nacional, alicerçado desde o princípio

¹²⁵ JORGE, A. O.; SANTOS, A. G. dos; ROCUMBACK, D. M. Controvérsias em torno da NR-36: um olhar sobre o setor frigorífico. *Conjur: Consultor Jurídico*, São Paulo, 11 fev. 2022. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2022-fev-11/opiniao-controversias-torno-nr-36-setor-frigorifico> Acesso em: 30 mar. 2022.

¹²⁶ SANTOS, A. L. dos; GIMENEZ, D. M. Desenvolvimento, competitividade e a reforma trabalhista. In: KREIN, J. D.; GIMENEZ, D. M.; SANTOS, A. L. dos. (org.). *Dimensões críticas da reforma trabalhista no Brasil*. Campinas: Curt Nimuendajú, 2018. p. 29-67.

¹²⁷ PAIVA, O. da C. *Caminhos cruzados: migração e construção do Brasil Moderno (1930-1950)*. Bauru: EDUSC, 2004.

¹²⁸ BICUDO, M. V. G. C. de C. *Mobilização do “trabalho imigrante” em São Paulo: estudo sobre intermediação e usos do trabalho*. 2021. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.



por uma oferta abundante de trabalho¹²⁹. Nas palavras de Guimarães¹³⁰, a precarização do trabalho carrega, no caso do Brasil, “características estruturais” associadas a “um padrão de flexibilidade numérica que tem estado na base dos principais movimentos de nossa economia”.

Também é preciso reconhecer as dinâmicas características das migrações transnacionais de refúgio Sul-Sul¹³¹ e a produção de redes de recrutamento que, iniciadas na fronteira amazônica¹³², distinguem-se pela presença de atores paraestatais¹³³, compartilham aspectos de uma migração dirigida¹³⁴ e ocorrem “dentro de um quadro de ‘ação social’ com forte apelo humanitário¹³⁵. Ademais, a posição desse grupo no precariado migrante é bastante particular: por um lado, essa população entra no mercado de trabalho pela “porta da frente”, isto é, com vínculo empregatício formal e garantias mínimas de direitos trabalhistas¹³⁶; por outro, não alcança “um trabalho e uma vida de estabilidade”¹³⁷. Dispõe de um rendimento seguro, mas também de uma “consciência de classe traduzida num fortíssimo sentimento de privação relativa e de frustração quanto ao seu estatuto”¹³⁸.

¹²⁹ OLIVEIRA, F. de. *Crítica à razão dualista: o ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

¹³⁰ GUIMARÃES, N. A. Empresariando o trabalho: os agentes econômicos da intermediação de empregos, esses ilustres desconhecidos. *Dados: revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 51, n. 2, p. 279, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/PwLvNSRD33BSZF8X9mnfLbn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 nov. 2023.

¹³¹ BAENINGER, R. Migração Transnacional: elementos teóricos para o debate. In: BAENINGER, R. *et al.* (org.). *Imigração haitiana no Brasil*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. p. 13-43.

¹³² SILVA, S. A. da. Fronteira Amazônica: passagem obrigatória para haitianos? *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana (REMHU)*, Brasília, DF, v. 23, n. 44, p. 119-134, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/507/413>. Acesso em: 09 nov. 2023.

¹³³ AMAR, P. *O Arquipélago da Segurança: estados de segurança humana, políticas de sexualidade e o fim do neoliberalismo*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2018.

¹³⁴ BAENINGER, R. Governança das migrações: migrações dirigidas de venezuelanos e venezuelanas no Brasil. In: BAENINGER, R. *et al.* *Migrações Venezuelanas*. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2018.

¹³⁵ BICUDO, M. V. G. C. de C. *Mobilização do “trabalho imigrante” em São Paulo: estudo sobre intermediação e usos do trabalho*. 2021. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. p. 65.

¹³⁶ CUTTI, D. Apresentação. *Travessia: revista do migrante*, São Paulo, n. 73, p. 6, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/view/125/116>. Acesso em: 09 nov. 2023.

¹³⁷ STANDING; G. O precariado e a luta de classes. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 103, p. 13, maio 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/5521>. Acesso em: 09 nov. 2023.

¹³⁸ STANDING; G. O precariado e a luta de classes. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 103, p. 15, maio 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/5521>. Acesso em: 09 nov. 2023.



Na interpretação de Agier¹³⁹, os mecanismos de aprisionamento da consciência acionados pela questão humanitária tonificam a simétrica de biopoder responsável por despolitizar esses sujeitos, criando sofisticadas técnicas de cuidado, controle e tutela. Essa forma particular de “empresariar o trabalho” não apenas rompe com a “díade formada pelo empresário que recruta e o trabalhador que se oferece no mercado”, forçando a busca por um elemento intermediador¹⁴⁰, como também evoca as representações de uma “cena humanitária”¹⁴¹ levada à cabo por atores paraestatais¹⁴². É a intermediação oferecida por esses agentes que produz o encontro entre frigoríficos e migrantes internacionais, vinculando o humanitarismo à precarização do trabalho¹⁴³.

Embora as redes migratórias¹⁴⁴ tenham um efeito multiplicador sobre esse fluxo, esse fenômeno extrapola suas capacidades explicativas. Para Arango¹⁴⁵, se é verdade que o conjunto das relações interpessoais de parentesco e amizade diminuem os custos e as incertezas que envolvem uma migração internacional, também não se pode exagerar a importância desse fenômeno. Para esse autor, embora as redes tenham um efeito multiplicador sobre a migração, é incapaz de explicar por que um fluxo começa ou chega ao fim.

¹³⁹ AGIER, Michel. Refugiados diante da nova ordem mundial. *Tempo Social*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 197-215, nov. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ts/v18n2/a10v18n2> Acesso em: 03 mar. 2021.

¹⁴⁰ GUIMARÃES, N. A. Empresariando o trabalho: os agentes econômicos da intermediação de empregos, esses ilustres desconhecidos. *Dados: revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 51, n. 2, p. 277, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/PwLvNSRD33BSZF8X9mnfLBn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 nov. 2023.

¹⁴¹ AGIER, Michel. Refugiados diante da nova ordem mundial. *Tempo Social*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 197-215, nov. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ts/v18n2/a10v18n2> Acesso em: 03 mar. 2021.

¹⁴² AMAR, P. *O Arquipélago da Segurança: estados de segurança humana, políticas de sexualidade e o fim do neoliberalismo*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2018.

¹⁴³ CHAVES, J. F. de C. Humanitarismo, migração e trabalho precarizado no Brasil: em busca dos nexos possíveis. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 46., 2022, Campinas. *Anais [...]*. Campinas: Unicamp, 2022.

¹⁴⁴ TRUZZI, O. Redes em processos migratórios. *Tempo Social*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 199-218, jun. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/K3dggCcfJdy4xWB9DjpRc7C/?format=pdf&lang=pt>

¹⁴⁵ ARANGO, J. *Explaining migration: a critical view*. *International Social Science Journal*, v. 52, n. 165, p. 283-296, Sept. 2000.



Finalmente, é importante mencionar que o recrutamento humanitário não aciona as seletividades étnicas e profissionais que orientaram a política migratória brasileira ao longo dos séculos XIX e XX, trazendo ao país uma população não branca, negra e indígena, provenientes de outros países do Sul Global, muitos dos quais com baixa escolaridade¹⁴⁶. Mais complexas por suas características internas que por sua magnitude, essa migração traz as marcas do estranhamento, da não assimilação, perfazendo uma crise migratória na origem, no destino e em seus vários pontos de passagem e circulação¹⁴⁷.

Grosso modo, o trabalho avança no entendimento de uma nova modalidade de agenciamento do trabalho migrante, dentro da qual o recrutamento humanitário não apenas dialoga com as particularidades das migrações Sul-Sul, mas também com os processos históricos de formação do mercado de trabalho nacional. Embora reflita transformações advindas da reestruturação produtiva em escala global, a produção desse nicho de trabalho migrante exige perspectivas de análise específicas ao contexto brasileiro.

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. Refugiados diante da nova ordem mundial. *Tempo Social*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 197-215, nov. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ts/v18n2/a10v18n2> Acesso em: 03 mar. 2021.

AMAR, P. *O Arquipélago da Segurança: estados de segurança humana, políticas de sexualidade e o fim do neoliberalismo*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2018.

ARANGO, J. *Explaining migration: a critical view*. *International Social Science Journal*, v. 52, n. 165, p. 283-296, Sept. 2000.

ASSIS, Gláucia de O. Nova Lei de Migração no Brasil: avanços e desafios. In: BAENINGER, Rosana *et al.* *Migrações Sul-Sul*. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2018. p. 609-623.

¹⁴⁶ BAENINGER, R. Cenários das Migrações Internacionais no Brasil. In: BERQUÓ, E. (org.). *Demografia na Unicamp: um olhar sobre a produção do Nepe*. Campinas: Editora da Unicamp, 2017.

¹⁴⁷ BAENINGER, R. Migração transnacional: elementos teóricos para o debate. In: BAENINGER, R. *et al.* (org.). *Imigração haitiana no Brasil*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. p. 13-43.



BAENINGER, R. Cenários das Migrações Internacionais no Brasil. *In*: BERQUÓ, E. (org.). **Demografia na Unicamp: um olhar sobre a produção do Neпо**. Campinas: Editora da Unicamp, 2017.

BAENINGER, R. **Fases e faces da migração em São Paulo**. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2012.

BAENINGER, R. Governança das migrações: migrações dirigidas de venezuelanos e venezuelanas no Brasil. *In*: BAENINGER, R. *et al.* **Migrações Venezuelanas**. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2018. p. 135-138.

BAENINGER, R. Migração transnacional: elementos teóricos para o debate. *In*: BAENINGER, R. *et al.* (org.). **Imigração haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. p. 13-43.

BAENINGER, R. Migrações transnacionais na fronteira: novos espaços da migração Sul-Sul. *In*: BAENINGER, Rosana; CANALES, Alejandro (coord.). **Migrações fronteiriças**. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2018. p. 463-472.

BAILEY, T.; WALDINGER, R. *Primary, secondary and enclave labor markets: a training systems approach*. *American Sociological Review*, US, v. 56, n. 4, p.432-445, 1991.

BALÁN, J. Migrações e desenvolvimento capitalista no Brasil: ensaio de interpretação histórico comparativa. **Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 5, p. 5-79, jul./set.1973.

BARRIENTOS, S. W. *'Labour chains': analysing the role of labour contractors in global production networks*. *The Journal of Development Studies*, London, v. 49, n. 8, p. 1058-1071, Aug. 2013.

BASSANEZI, M. S. Imigrações internacionais no Brasil: um panorama histórico. *In*: PATARRA, N. L. (coord.). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1996. p. 1-38.

BICUDO, M. V. G. C. de C. **Mobilização do "trabalho imigrante" em São Paulo: estudo sobre intermediação e usos do trabalho**. 2021. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

BRITO, F. Os povos em movimento: as migrações internacionais no desenvolvimento do capitalismo. *In*: PATARRA, N. L. (coord.). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1996. p. 53-66.

CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; SILVA, B. G. (org.). **Imigração e refúgio no Brasil: retratos da década de 2010**. Brasília, DF: OBMigra, 2021. Disponível em:



https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Obmigra_2020/Relat%C3%B3rio_Anual/Retratos_da_De%CC%81cada.pdf. Acesso em: 09 nov. 2023.

CHAVES, J. F. de C. Humanitarismo, migração e trabalho precarizado no Brasil: em busca dos nexos possíveis. *In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS*, 46., 2022, Campinas. *Anais [...]*. Campinas: Unicamp, 2022.

COSTA, G. A. Imigração haitiana em Manaus: presença da Pastoral do Migrante. *Travessia: revista do migrante*, São Paulo, n. 68, p. 83-87, jan./jun. 2011.

Disponível em:

<https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/download/501/460>. Acesso em: 09 nov. 2023.

CUTTI, D. Apresentação. *Travessia: revista do migrante*, São Paulo, n. 73, p. 5-8, jul./dez. 2013. Disponível em:

<https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/view/125/116>. Acesso em: 09 nov. 2023.

DEMÉTRIO, N. B.; BAENINGER, R. Migração internacional e agronegócio: estudo de caso nos frigoríficos brasileiros. *In: SENHORAS, E. M. (org.). Agronegócio: agendas socioeconômicas*. Boa Vista: Editora IOLE, 2022. p. 49-96.

FERNANDES, D.; BAENINGER, R. (coord.). **Impactos da pandemia de COVID-19 nas migrações internacionais no Brasil: resultados de pesquisa**. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2020.

FERNANDES, Duval; FARIA, Andressa V. de. O visto humanitário como resposta ao pedido de refúgio dos haitianos. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Belo Horizonte, v. 34, n. 1, p. 145-161, 2017. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbepop/a/jQH7THPDpCKwtJFDcRd6Yxd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 nov. 2023.

GUARNIZO, L. E.; SMITH, M. P. *The locations of transnationalis*. *In: SMITH, M. P.; GUARNIZO, L. E. (ed.). Transnationalism from below*. New Brunswick, NJ: Transaction Publishers, 1998. (*Comparative urban and community research*, v.6)

GUIMARÃES, N. A. Empresariando o trabalho: os agentes econômicos da intermediação de empregos, esses ilustres desconhecidos. *Dados: revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 51, n. 2, p. 275-311, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/PwLvNSRD33BSZF8X9mnfLBn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 nov. 2023.

HALL, M. M. Os fazendeiros paulistas e a imigração. *In: SILVA, Fernando Teixeira da. et al. (org.). República, Liberalismo, Cidadania*. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2003. p. 154-163.



HANDERSON, J. **Diaspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa.** 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural.** São Paulo: Edições Loyola, 1992.

IANNI, O. **A era do globalismo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

JORGE, A. O.; SANTOS, A. G. dos; ROCUMBACK, D. M. Controvérsias em torno da NR-36: um olhar sobre o setor frigorífico. **Conjur: Consultor Jurídico**, São Paulo, 11 fev. 2022. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2022-fev-11/opiniao-controversias-torno-nr-36-setor-frigorifico> Acesso em: 30 mar. 2022.

LATOUR, B. **Reagregando o Social: uma introdução à teoria do ator-rede.** Salvador: EdUFBA, 2012.

MAGALHÃES, L. F. A. **A imigração haitiana em Santa Catarina: perfil sociodemográfico do fluxo, contradições da inserção laboral e dependência de remessas no Haiti.** 2017. Tese (Doutorado em Demografia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

MOREIRA, J. B. **Política em relação aos refugiados no Brasil (1947-2010).** 2012. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

OLIVEIRA, F. de. **Crítica à razão dualista: o ornitorrinco.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

PAIVA, O. da C. **Caminhos cruzados: migração e construção do Brasil Moderno (1930-1950).** Bauru: EDUSC, 2004.

RIVERA SÁNCHEZ, L. *Las trayectorias en los estudios de migración: una herramienta para el análisis longitudinal cualitativo.* In: ARIZA, M.; L. VELASCO (coord.). **Métodos cualitativos y su aplicación empírica: por los caminos de la investigación sobre migración internacional.** México, DF: UNAN, Instituto de Investigaciones, 2015. p. 455-494.

SALLES, M. R. R.; PAIVA, O. C.; BASTOS, S. R. Profissão e destino dos imigrantes italianos entrados em São Paulo no Pós-Segunda Guerra Mundial. In: BAENINGER, R.; DEDECCA, C. S. (org.). **Processos Migratórios no Estado de São Paulo: estudos temáticos.** Campinas: Núcleo de Estudos de População, 2013. p.129-142.

SANTOS, A. L. dos; GIMENEZ, D. M. Desenvolvimento, competitividade e a reforma trabalhista. In: KREIN, J. D.; GIMENEZ, D. M.; SANTOS, A. L. dos. (org.). **Dimensões**



críticas da reforma trabalhista no Brasil. Campinas: Curt Nimuendajú, 2018. p. 29-67.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional.** 5. ed. São Paulo: EdUSP, 2013.

SASSEN, S. **As cidades na economia mundial.** São Paulo: Studio Nobel, 2000.

SASSEN, S. **Sociologia da Globalização.** Porto Alegre: Artmed, 2010.

SEYFERTH, G. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n. 53, p. 117-149, mar./maio 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33192>. Acesso em: 09 nov. 2023.

SILVA, A. R. de C. Imigrantes africanos solicitantes de refúgio na indústria avícola *halal* brasileira. **Travessia: revista do migrante**, São Paulo, n. 73, p. 21-30, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/view/128>. Acesso em: 09 nov. 2023.

SILVA, S. A. da. Fronteira Amazônica: passagem obrigatória para haitianos? **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana (REMHU)**, Brasília, DF, v. 23, n. 44, p. 119-134, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/507/413>. Acesso em: 09 nov. 2023.

SINGER, P. Evolução da economia e vinculação internacional. *In*: SACHS, I.; WILHEIM, J.; PINHEIRO, P. S. **Brasil: um século de transformações.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 78-131.

SOUZA, A. R. de; RUSEISHVILI, S. As organizações cristãs de abrangência nacional em face da questão dos refugiados. **Contemporânea: Revista de Sociologia da UFSCar**, São Carlos, v. 10, n. 2, p. 537-555, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/862/pdf>. Acesso em: 09 nov. 2023.

STANDING, G. **O precariado: a nova classe perigosa.** São Paulo: Autêntica, 2013.

STANDING; G. O precariado e a luta de classes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 103, p. 9-24, maio 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/5521>. Acesso em: 09 nov. 2023.

TRUZZI, O. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 199-218, jun. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/K3dggCcfJdy4xWB9DjpRc7C/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 nov. 2023.



VAINER, C. B. Estado e migração no Brasil: da imigração à emigração. In: PATARRA, N. L. (coord.). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1996.

WALDINGER, R. *Networks and niches: the continuing significance of ethnic connections*. In: LOURY, G.; MODOOD, T.; TELES, S. M. (ed.). **Ethnicity, social mobility, and public policy: comparing the USA and UK**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. p. 342-362.

Natália Demétrio

Pós-doutoranda no Núcleo de Estudos de População "Elza Berquó" (Nepo/Unicamp). Pesquisadora do Observatório das Migrações em São Paulo (Nepo/Unicamp/MPT). Graduada em Ciências Sociais (Bacharelado e Licenciatura) pela Universidade Estadual de Campinas, Mestra em Demografia pela Universidade Estadual de Campinas e Doutora em Demografia pela Universidade Estadual de Campinas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9043947211775373>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0954-6993>. E-mail: natalia_belmontedemetrio@yahoo.com.br.

Rosana Baeninger

Coordenadora do Observatório das Migrações em São Paulo (NEPO/UNICAMP). Professora Livre-Docente Aposentada, colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Demografia (IFCH) e no Núcleo de Estudos de População "Elza Berquó" da Universidade Estadual de Campinas (NEPO/UNICAMP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0425133153453333>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3817-2807>. E-mail: baeninge@unicamp.br.

